

ANTHONY KNIVET

*As incríveis aventuras e estranhos
infortúnios de Anthony Knivet*

Memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens

Organização, introdução e notas:
Sheila Moura Hue

Tradução do original de 1625:
Vivien Kogut Lessa de Sá
Professora do Depto. de Letras da PUC-Rio
e especialista em literatura inglesa do Renascimento



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Copyright da organização, introdução e notas © 2007, Sheila Moura Hue

Copyright desta edição © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Assistente de pesquisa: Fabiano Cataldo de Azevedo

Projeto gráfico e editoração: Mari Taboada

Capa: Miriam Lerner

Ilustrações da capa: Mapa da geografia mundial à época de Knivet (acima); cena de aprisionamento por índios (ao centro); e representação do mergulho de Knivet na baía de Guanabara usando uma espécie de escafandro (abaixo).

Os mapas das p.28-9 foram reproduzidos de *Un aventurier anglais au Brésil: les tribulations d'Anthony Knivet (1591)*. Introdução, tradução e notas: Ilda Mendes dos Santos, Paris, Chandeigne, 2003. As imagens do caderno de ilustrações (entre p.128-9) foram reproduzidas a partir de Anthony Knivet, *Aanmerkelyke reys [...] van Anthony Knivet, gedaan uyt Engelland na de Zuyd-Zee, met Thomas Candish, anno 1591 en de volgende jaren*. Leiden, P. Vander Aa, 1706. Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, fotografias de Milene Rinaldi.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Knivet, Anthony, fl. 1591

K77i As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens / Organização, introdução e notas: Sheila Moura Hue ; tradução Vivien Kogut Lessa de Sá. – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2007. il.

Tradução de: The admirable adventures and stranger fortunes of Master Antonie Knivet, which went with Master Thomas Cavendish in his second voyage to the south sea, 1591, in Samuel Purchas, Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrimes in Five Bookes.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0015-7

1. Knivet, Anthony, fl. 1591 – Viagens – Brasil. 2. Brasil – Descrições e viagens.
3. Brasil – Descobertas e explorações britânicas. I. Hue, Sheila Moura. II. Sá, Vivien Kogut Lessa de. III. Título.

CDD: 981.03
CDU: 94(81)"16"

SUMÁRIO



Nota sobre esta edição ■ 7

Nota sobre a tradução ■ 8

Introdução ■ 9

I.

*O que aconteceu em sua viagem para os estreitos e depois,
até ser aprisionado pelos portugueses ■ 33*

2.

*A chegada de Anthony Knivet ao Rio de Janeiro
e os hábitos entre os portugueses e os índios. Suas diversas
viagens através de várias partes dessa região ■ 68*

3.

*Suas extraordinárias provações com doze portugueses
que foram devorados pelos selvagens. Sua vida com
os canibais e, depois disso, com os portugueses, de quem foge
para Angola e por quem é trazido de volta. E como,
depois de muitas aventuras, é embarcado para Lisboa ■ 114*

4.

*As diversas tribos de selvagens no Brasil e nas regiões
vizinhas: suas várias naturezas, costumes e ritos.
As criaturas e outras coisas incríveis que o autor viu
em suas inúmeras peregrinações durante muitos anos* ■ 168

5.

*A descrição dos vários rios, portos, enseadas e
ilhas do Brasil – para orientar os navegadores* ■ 218

Bibliografia ■ 249

Agradecimentos ■ 255

Ilustrações entre p.128-129

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO



Nesta tradução do relato de Anthony Knivet buscamos encontrar uma linguagem que fosse fiel ao original inglês do século XVII mas, ao mesmo tempo, próxima para o leitor atual. Todas as referências e medidas foram mantidas, e informada a correspondência na primeira ocorrência. Mantivemos também a forma marcadamente objetiva, com raríssimas conjunções além de “and”, freqüentemente substituídas por vírgula ou ponto e vírgula, adequando a pontuação apenas quando esta se tornava incompreensível ao leitor de hoje. Afora isto, preservamos o vocabulário notavelmente simples e a narrativa despojada de qualquer pretensão literária. Nos trechos em que o texto encerra contradições ou algum obscurantismo, buscamos propor uma solução de leitura baseada no senso comum, no contexto narrativo e nas outras traduções disponíveis (para o português, o francês e o espanhol), tendo sempre em foco o tom objetivo do texto original.

VIVIEN KOGUT LESSA DE SÁ

LEIA ALGUNS TRECHOS DA INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO



Preferi colocar-me nas mãos da piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos.

ANTHONY KNIVET

Misera, filha vã de Babilônia.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

O verso acima, escrito pelo poeta português André Falcão de Resende provavelmente na década de 1580, não se refere, como seria de se esperar, a uma mulher de baixa condição. Descreve, como indica seu título – “À ilha e à rainha da Inglaterra” –, a própria Elisabete I, filha de Henrique VIII e Ana Bolena. Pelo tom hostil e vituperante, percebe-se claramente quais eram as relações políticas e sociais entre Portugal e Inglaterra naquele momento. Ou, melhor dizendo, entre a Inglaterra elisabetana e a potência ibérica formada pela incorporação de Portugal à Espanha, após a morte do rei d. Sebastião em Alcácer Quibir e do seu sucessor, o cardeal infante d.

Henrique. A política europeia nas duas últimas décadas do século XVI estava polarizada entre católicos, liderados por Felipe II, rei da Espanha e Portugal, e protestantes, tendo como figura de proa a rainha Elisabete I e sua política de expansão marítima. Era uma época de heróicas batalhas navais, como a derrota da Invencível Armada espanhola ou a destruição do mítico galeão inglês *Revenge* durante uma tempestade nos Açores, época em que corsários ingleses, com a permissão ou a conivência da rainha, percorriam as rotas marítimas em direção ao Novo Mundo, atacando e saqueando naus espanholas e procurando, por meio dessa política predatória, solapar a hegemonia ibérica.

[...]

As coleções de Hakluyt e Purchas registram os relatos de navegadores ingleses e estrangeiros e, em seu aparato editorial e comentários, exaltam e elogiam o projeto inglês de expansão marítima e colonização da América, funcionando como propaganda colonial e, também, conseqüentemente, como propaganda antiespanhola, anticatólica. É tal o esforço para “britanizar” a história dos descobrimentos e legitimar a presença inglesa nos mares espanhóis que Sebastião Caboto – um italiano – é apresentado por Samuel Purchas como o verdadeiro descobridor da América (“o continente foi descoberto por ele, enquanto Colombo não fez mais do que avistar ilhas, e por isso seria muito melhor que o continente se chamasse Cabotiana do que América”) e como um cidadão inglês (“an Englishman”). Para Purchas a América era uma descoberta inglesa, e não espanhola.

[...]

Na alentada coleção de Samuel Purchas, a poucas páginas de distância do relato de Fernão Cardim está uma das narrativas menos conhecidas e mais originais de viajantes europeus no Brasil, “uma das obras mais fascinantes da literatura de viagens da era de Elisabete”, como definiu Charles Boxer. Ou, segundo o pesquisador inglês R.F. Hitchcock, “a história de um jovem eivada de vigor jornalístico, e ao mesmo tempo estranha, humorística e confessional”. Escrita em primeira pessoa e em um tom de romance de aventuras, próximo ao das novelas picarescas da época, *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet*, que foi com Thomas Cavendish em sua segunda viagem ao mar do sul se afastam dos demais relatos de viagem sobre o Brasil pelo seu tom novelesco e pelo caráter rocambolesco das aventuras narradas. Para os propósitos antiespanhóis e anticatólicos do reverendo Purchas, a história de Anthony Knivet era perfeita. Nela, o jovem inglês, aprisionado por portugueses, permanece por dez anos como escravo da família Correia de Sá, por quem é tratado com uma desumanidade atroz. O escravo inglês dos governadores do Rio de Janeiro, Salvador e Martim Correia de Sá – descendentes “da gloriosa família de Mem de Sá e de Estácio de Sá, os fundadores do Rio de Janeiro”, como descreve um dicionário português –, relata em primeira pessoa, em páginas vivas, espancamentos, fome, maus-tratos, grilhões de ferro, prisões infames, doenças, chicotadas, condenações à morte e trabalho escravo em condições desumanas. Quem sofria, neste relato, não eram os índios, como em *Bartolomeu de las Casas*, mas um europeu, um inglês a serviço de sua rainha.

[...]

A circunavegação fracassada

Quando partiu de Plymouth, na Inglaterra, a 26 de agosto de 1591, com a intenção de dar uma segunda volta ao mundo, Thomas Cavendish (1560-92) pensava repetir a façanha que havia realizado fazia três anos. A essa altura, ele era a nova maravilha da navegação inglesa, o terceiro a circunavegar o globo, repetindo o heróico feito de Francis Drake, e, a exemplo do preferido da rainha, também trouxera para casa um riquíssimo butim, especialmente preciosas mercadorias orientais do galeão espanhol Santa Ana. Essa segunda viagem de volta ao mundo de Cavendish também tinha como objetivo recuperar as finanças do jovem navegador, que já tinha dissipado tudo o que conseguira na primeira. A essa nova empreitada se juntaram investidores privados e jovens de famílias nobres em busca de fortuna, como Anthony Knivet, um dos jovens embarcados no galeão Leicester, comandado por Thomas Cavendish.

A exemplo de outras figuras do século XVI, a biografia de Knivet é um pouco nebulosa, mas tudo indica que tenha sido filho ilegítimo de um nobre, sir Henry Knivet, que, por não poder legalmente herdar os bens do pai, seguiu a carreira militar. A nova expedição do então célebre e festejado Cavendish era uma boa promessa financeira para os jovens gentlemen nela engajados, pois somente aos homens dessa posição social era franqueada a pilhagem de navios e das cidades atacadas.

Mas o começo promissor desembocou em um desfecho inesperado e trágico: Cavendish não conseguiu passar do estreito de

Magalhães, perdeu quase todos os seus navios e seus homens e, voltando para a Inglaterra, morreu no meio do Atlântico – após escrever uma amarga carta –, de desgosto, provavelmente por suas próprias mãos. Knivet, por sua vez, foi abandonado semimorto, com os pés gangrenados, em uma praia no litoral de São Paulo e passou quase dez anos no Brasil comendo, digamos assim, o pão que o diabo amassou. Como escravo da família Correia de Sá, trabalhou em engenho de açúcar, foi escudeiro, mercenário, negociante de índios escravos, explorador do sertão, e viveu, quando conseguia escapar de seus patrões, vários períodos com índios, nu e perfeitamente adaptado entre eles. Condenado à morte várias vezes, enfrentando perigos fatais ao desbravar sertões inexplorados e lidar com índios canibais, além de atrozes castigos físicos e doenças, Knivet consegue sempre escapar, não milagrosamente, mas por seus próprios meios, por sua inteligência e indústria.

Durante esses dez duros anos, planeja três fugas. A primeira quando a frota de Richard Hawkins passa pelo Brasil, a segunda quando consegue ir para Angola, de onde pretendia escapar para a Inglaterra, e a terceira quando se junta a outros ingleses habitantes do Rio de Janeiro. Mas a oportunidade só viria quando a família de Salvador Correia de Sá, em 1599, se muda para Lisboa levando Knivet, seu escudeiro inglês. Ele não consegue a liberdade – pois seu conhecimento das rotas terrestres e marítimas do território brasileiro e das minas que se escondiam nos sertões tinha um alto valor estratégico, e não poderia ser transmitido aos ingleses –, mas, após trabalhar como intérprete para negociantes escoceses, consegue, com a ajuda de uma noviça inglesa de um convento de Lisboa,

retornar à Inglaterra, em setembro de 1601, em um navio de comerciantes holandeses. A essa altura seu pai já havia morrido, e tudo leva a crer que foi através de seu tio, lord Thomas Knivet, um dos membros da Privy Chamber (câmara dos conselheiros da coroa), que conseguiu um cargo público na Royal Mint, a casa da moeda, onde trabalha até a sua morte, provavelmente em 1649.

[...]

Anthony Knivet e o Brasil

No Brasil, pouco lhe valeu ser sobrinho de um membro da Privy Chamber da rainha Elisabete I. O que pesou a seu favor foram a sua tremenda presença de espírito, que o faz contar as mentiras certas nas horas certas, de modo a escapar da morte nas mãos dos portugueses ou de ser devorado pelos índios (por exemplo, dizendo-se francês aos índios historicamente aliados aos franceses, ou escondendo dos portugueses a sua origem aristocrática e afirmando ser um simples grumete); sua facilidade para aprender línguas, que o faz ser capaz de comunicar-se em português quando é aprisionado na ilha de São Sebastião, e de aprender rapidamente a língua dos índios, o tupi falado na costa e também o idioma jê dos índios do sertão, tornando-se extremamente útil como negociador e intérprete; sua coragem e habilidade em percorrer e conhecer os caminhos dos sertões, o que fez dele um experiente sertanista; sua esperteza ao não comer frutas e raízes venenosas que tantas vezes mataram seus companheiros; e sua espantosa resistência física diante das condições mais extremas. Em resumo, sua impressionante capacidade de sobreviver no inóspito Brasil da década de 1590.

[...]

Knivet se identificava especialmente com essa mentalidade. Em vários momentos diz que prefere ficar entre os “canibais” a voltar para as mãos dos portugueses, de quem é escravo e por quem é tratado impiedosamente. Identifica-se tanto com os índios, que chega a afirmar que o melhor amigo que já teve é Guaraciaba, um índio, foragido como ele: “Nunca um homem teve uma amizade tão sincera quanto eu a dele.” Na parte final de seu livro, em que elabora uma descrição das várias tribos com as quais teve contato, muitas vezes elogia a civilidade, a gentileza e até mesmo características físicas dos indígenas, aproximando-os de ingleses e holandeses. Os portugueses, aqui, são as bestas feras, os selvagens, em contraposição a algumas tribos indígenas, gentis, educadas. Sobre os molopaques chega a afirmar: “Se esses canibais tivessem conhecimento de Deus, posso arriscar dizer, não haveria gente no mundo como eles.”

[...]

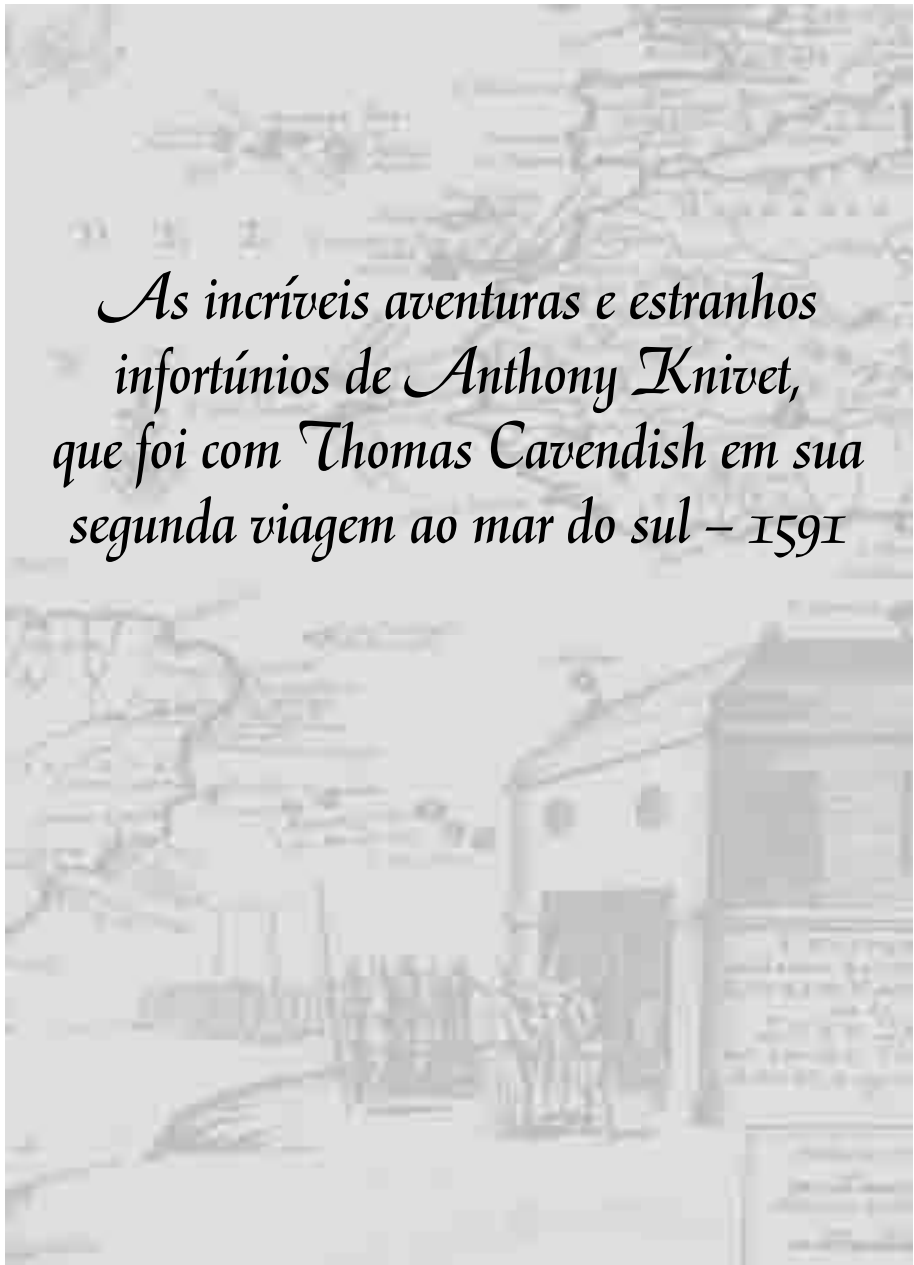
As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de master Anthony Knivet: as edições

[...]

Temos, portanto, somente duas edições em português deste interessante e original livro sobre o Brasil, e apenas uma delas fiel ao original de 1625. São poucas edições se compararmos, por exemplo, com a grande difusão do livro de Hans Staden, muito conhecido e

diversas vezes publicado em português. Esse aparente desinteresse pelas aventuras do jovem inglês talvez se deva à imagem extremamente negativa que ele constrói dos portugueses de um modo geral e, mais especificamente, da família Correia de Sá, a dinastia que por tantos anos governou o Rio de Janeiro. Em outros séculos, mais próximos de nossa época colonial, talvez fosse muito desconfortável ver Salvador Correia de Sá e seu filho, Martim, como homens cruéis, impiedosos e destituídos de qualquer grandeza. Na nossa contemporaneidade, o relato de Knivet talvez possa receber melhor acolhida, nele se sobressaindo a peculiaridade de seu estilo narrativo e a curiosa personalidade de seu autor, uma espécie de anti-herói, de personagem picaresco, agindo em meio à sociedade e ao panorama brasileiros da última década do século XVI, pintados com vivíssimas, coloridas – e talvez carregadas – tintas.

*As incríveis aventuras e estranhos
infortúnios de Anthony Knivet,
que foi com Thomas Cavendish em sua
segunda viagem ao mar do sul – 1591*



Capítulo 3

Suas extraordinárias provações com doze portugueses que foram devorados pelos selvagens. Sua vida com os canibais e, depois disto, com os portugueses, de quem foge para Angola e por quem é trazido de volta. E como, depois de muitas aventuras, é embarcado para Lisboa



Eu e os doze portugueses de quem falei nos despedimos do capitão, preferindo seguir em direção ao mar do Sul do que voltar sem nada.¹ Os nomes dos portugueses eram: Francisco Tavares, Luís de Pina, Gonçalo Fernandes, Tomás do Vale, Luís Coelho, Matias de Galo, João da Silveira, Pedro da Costa, Antônio Fernandes, Jorge Dias, Manuel Caldeira² e

1. Knivet e seus companheiros pretendiam fazer o mesmo que os japoneses do navio de Cavendish: atravessar o continente até atingir as lendárias riquezas do Peru, no mar do Sul. Andrew Battell, inglês que esteve no Brasil e na África, indicara o caminho por todos desejado: "Da cidade de Buenos Aires chegam todo o ano quatro ou cinco caravelas à Bahia, no Brasil, e a Angola, na África, que trazem grande carregamento de tesouros, que é transportado, por terra, do Peru até o rio da Prata."

eu mesmo, Anthony Knivet. Depois que deixamos o capitão, fizemos uma canoa bem grande da casca de uma árvore e começamos a descer um rio chamado Jaguari³. Uma semana depois chegamos a uma pequena aldeia de seis casas que parecia estar há muito desabitada. Abandonamos então nossa canoa e decidimos continuar o trajeto por terra. Nessa aldeia encontramos grande quantidade de vasos de cerâmica e, dentro de alguns, pepitas de ouro amarradas a linhas com as quais os índios costumam pescar. Também encontramos pedras verdes como grama e uma grande quantidade de pedras brancas e brilhantes como cristal. Muitas das pedras, no entanto, eram azuis e verdes, vermelhas e brancas, todas deslumbrantes de olhar. Quando vimos as pepitas de ouro e essas pedras, calculamos estar muito próximos de Potosí.⁴ Rumamos então para sudoeste e subimos uma enorme montanha coberta de floresta.⁵

2. No original "*Lewes de Pino, Tomas Delvare, Lewis Loello, Matheas del Çalo, John de Silvesa, Petro de Casta, Çorgedias*".

3. No original "*Janary*". Segundo Teodoro Sampaio, após abandonarem a canoa, seguiram na confluência do Jaguary com o Camanducaia, próximo à atual cidade mineira de Santa Rita da Extrema.

4. Cálculo muito de acordo com a geografia da época, em que o sertão de São Paulo juntava-se ao Peru, a terra das fabulosas riquezas minerais.

5. Segundo Teodoro Sampaio, essa montanha seria o atual morro do Lopo, de 1.710 metros de altura, na divisa entre São Paulo e Minas.

Chegamos num lugar de terra seca e marrom, cheio de morros, rochas e nascentes de vários córregos.⁶ Em muitos desses córregos encontramos pequenas pepitas de ouro do tamanho de uma noz, e muito ouro em pó feito areia. Depois disso, chegamos a uma região bonita onde avistamos uma enorme montanha brilhante à nossa frente.⁷ Levamos dez dias para alcançá-la pois, ao tentarmos atravessar a planície,⁸ mesmo longe da serra, o sol ficava forte demais e não podíamos mais avançar por causa da claridade que refletia e nos cegava. Enfim, lentamente conseguimos chegar ao sopé dessa montanha, onde encontramos muitos tamanduás.⁹

6. Ainda segundo Teodoro Sampaio, esse sítio estaria nas vizinhanças do Guaripocaba de Bragança Paulista.

7. A montanha brilhante, segundo Teodoro Sampaio, seria a serra de Itaberaba, um prolongamento da Mantiqueira, entre os municípios de Nazaré Paulista e Santa Isabel. Itaberaba, em tupi, quer dizer “montanha reluzente”. Gabriel Soares de Sousa, em seu *Tratado descritivo do Brasil*, de 1587, dá testemunho semelhante: “E não há dúvida senão que entrando bem pelo sertão desta terra há serras de cristal finíssimo, que se enxerga o resplendor delas de muito longe, e afirmaram alguns portugueses que as viram que parecem de longe as serras da Espanha quando estão cobertas de neve, os quais e muitos mamelucos e índios que viram essas serras dizem que está tão bem criado e formoso esse cristal em grandeza, que se podem tirar pedaços inteiros de dez, doze palmos de comprido, e de grande largura e fornimento.” Também Pero de Magalhães de Gândavo, no *Tratado da Terra do Brasil*, se refere ao mito tupi do itaberabaçu, ou sabarabuçu: “A esta capitania de Porto Seguro chegaram certos índios do sertão a dar novas dumas pedras verdes que havia numa serra muitas léguas pela terra adentro, e traziam algumas delas por amostra. E os mesmos índios diziam que daquelas havia muitas, e que esta serra era mui fermosa e resplandecente.”

Seguimos por ela pelo menos vinte dias antes de encontrarmos algum meio de subi-la. Finalmente achamos um rio que passava por baixo da montanha e decidimos descobrir algum modo de atravessá-lo.¹⁰ Alguns dos nossos, no entanto, achavam melhor continuar margeando o sopé da montanha ao invés de penetrar no seu subterrâneo pois, diziam, se o rio não atravessasse até o outro lado, estaríamos perdidos, uma vez que seria impossível retornar contra a corrente. Então respondi: “Amigos, o melhor é arriscar nossas vidas agora como já fizemos antes em outros lugares. Caso contrário, temos que nos preparar para ficar vivendo como animais selvagens aqui onde nossa vida durará quanto Deus quiser, sem que pesem posses, nome ou religião. Por isso, creio que o melhor caminho a seguir é tentar atravessar, pois sem dúvida Deus, que já nos livrou de perigos sem fim, não há de nos abandonar agora. Além disso, se tivermos a sorte de atravessarmos para o outro lado, decerto encontraremos

8. Essa planície seriam os campos entre Bragança e Atibaia, no estado de São Paulo, de onde partiram para o sul e atingiram a montanha brilhante.

9. No original “*tamandros*”.

10. Segundo Teodoro Sampaio, um sumidouro, uma furna, cuja parte superior encontrava-se coberta de vegetação, como o então conhecido sumidouro do rio São Francisco. Esse sumidouro descrito por Knivet seria no rio do Peixe, afluente do Jaguari.

espanhóis ou índios, pois sei que todos vocês já ouviram que num dia claro pode-se ver o caminho desde Potosí até esta montanha.” Quando terminei de dizer isto, os portugueses decidiram arriscar a travessia. Com grandes caniços, construimos uma coisa larga, tinha três jardas e meia de largura por seis de comprimento, para que coubésemos deitados e pudéssemos dormir nela. Matamos grande quantidade de tamanduás e os assamos bem para servirem de alimento, pois não sabíamos quanto tempo ficaríamos no subterrâneo.

Depois que tínhamos feito todos os preparativos, que incluíam levar boa quantidade de madeira e encomendar nossas almas a Deus, nos lançamos no túnel, onde o ruído das águas ressoava tão alto que nos parecia algum feitiço. Entramos numa segunda-feira de manhã e saímos numa outra manhã (se ficamos um ou dois dias no subterrâneo não sei). Logo que avistamos a claridade ficamos muito contentes mas, ao sairmos, vimos casas nas duas margens. Reunimo-nos então para decidir o que seria melhor fazer: escondermo-nos e tentar passar pela aldeia durante a noite ou nos apresentarmos aos índios. Todos nós concordamos que o melhor seria irmos até eles. Então eu disse: “Bem, amigos, já que assim decidimos, vamos definir desde já o que faremos e diremos, pois sem dúvida eles nos perguntarão quem

somos e de onde viemos.” Os portugueses então disseram: “Nós lhes diremos que somos portugueses.” Eu então respondi: “Eu lhes direi que sou francês.”¹¹ Fomos em direção às casas dos índios, que, assim que notaram nossa presença, vieram aos brados, sacudindo seus arcos e flechas. Ao se aproximarem, amarraram nossas mãos e nossas cinturas e desse jeito nos levaram até suas casas. Logo vieram dois ou três anciãos e nos perguntaram quem éramos, ao que os portugueses responderam que eram portugueses e eu, que era francês.

Duas horas depois levaram um dos portugueses, amarraram-lhe outra corda à cintura e conduziram-no a um terreiro, enquanto três índios seguravam a corda de um lado e três do outro, mantendo o português no meio. Veio então um ancião e pediu a ele que pensasse em todas as coisas que prezava e que se despedisse delas pois não as veria mais. Em seguida veio um jovem vigoroso, com os braços e o rosto pintados de vermelho, e disse ao português: “Estás me vendo? Sou aquele que matou muitos do teu povo e que vai te matar.” Depois

11. Muitos anos antes, Hans Staden também se salvara de ser devorado por esses mesmos índios dizendo ser francês.

de ter dito isso, ficou atrás do português e bateu-lhe na nuca de tal forma que o derrubou no chão e, quando ele estava caído, deu-lhe mais um golpe que o matou. Pegaram então um dente de coelho¹², começaram a retirar-lhe a pele e carregaram-no pela cabeça e pelos pés até as chamas da fogueira. Depois disso, esfregaram-no todo com as mãos de modo que o que restava de pele saiu e só restou a carne branca. Então cortaram-lhe a cabeça, deram-na ao jovem que o tinha matado e retiraram as vísceras e deram-nas às mulheres. Em seguida, o desmembraram pelas juntas: primeiro as mãos, depois os cotovelos e assim o corpo todo. Mandaram a cada casa um pedaço e começaram a dançar enquanto todas as mulheres preparavam uma enorme quantidade de vinho. No dia seguinte ferveram cada junta num caldeirão de água para que as mulheres e as crianças tomassem do caldo. Durante três dias nada fizeram a não ser dançar e beber dia e noite.¹³ Depois disso mataram outro da mesma maneira que lhes contei, e assim foram devorando todos menos eu.

12. Provavelmente, dente de capivara.

13. Descrição extremamente precisa do ritual de canibalismo, também relatado por outros cronistas do século XVI.

Ao ver todos os portugueses sendo mortos, esperei que o mesmo acontecesse comigo, mas quando os índios interromperam os banquetes vieram até onde eu estava e disseram: “Não tenhais medo, pois os vossos antepassados foram nossos amigos e nós, amigos deles, mas os portugueses são nossos inimigos, e nos escravizam, e por isso fizemos com eles isto que vistes.” Depois de ouvi-los, disse-lhes que não tinha o que temer pois sabia que eram meus amigos e não meus inimigos, e que eu por muito tempo tinha sido prisioneiro dos portugueses.

Eu já estava há dois meses com esses índios chamados tamoios,¹⁴ quando eles foram guerrear contra os temiminós. Na hora da luta, quase perdemos terreno, pois os temiminós estavam em muito maior número, de tal forma que tivemos que nos refugiar nas montanhas. Quando notei a forma primitiva como lutavam, e como, desordenadamente, lançavam-se sobre o inimigo como touros, ensinei-lhes como se portarem numa batalha, como prepararem uma emboscada e como retrocederem levando seus inimigos a uma armadilha. Foi assim que mantivemos a vantagem sobre o inimigo e me tornei tão

14. No original, “tamoyes”.

importante entre eles que não iam para uma batalha sem que eu os acompanhasse. Em pouco tempo, de tanto combatermos os temiminós, eles decidiram abandonar a região fugindo de nós. Assim pudemos viver em paz. Os tamoios me ofereceram várias esposas, mas recusei, dizendo que não era do nosso costume tomar por esposas mulheres que não fossem da nossa terra. Depois que vencemos os temiminós, vivemos em paz por quatro meses até que veio uma outra tribo de canibais, chamada tupiniquins.¹⁵ Estes montaram sua aldeia muito perto de nós, numa montanha chamada pelos índios de Itapeva¹⁶, isto é, “montanha de ouro”.

Logo que soubemos de sua chegada, nos preparamos para lutar contra eles. Juntamos cinco mil dos mais fortes e, em cinco dias, chegamos à sua aldeia. Mas, como eles já tinham nos avistado, haviam abandonado a aldeia e fugido. Perseguimo-los durante dez dias, aprisionando muitos anciãos e mulheres que, assim que capturávamos, matávamos. Assim os seguimos até

15. “*Topinaques*” no original. Os tupiniquins eram aliados dos portugueses.

16. No original “*Tamiuva*”. Segundo Teodoro Sampaio, a serra de Itapeva (ou do Jambeiro) se estende entre o rio Jaguari e o rio Guararema, afluentes do Paraíba. Segundo Carvalho Franco, a leitura correta seria “Itajubá”, que significa pedra ou montanha amarela.

que chegamos às margens de um grande rio que não ousamos atravessar, temendo que nosso inimigo nos atacasse quando desembarcássemos na outra margem. Então voltamos para casa atravessando o rio chamado Morgege¹⁷, e continuamos em paz por mais oito meses, até que nos mudamos para outro lugar.

Lá eu andava completamente nu, sem usar nada, somente algumas folhas que amarrava no corpo por vergonha. Um dia, enquanto eu pescava sozinho por diversão, fiquei sentado pensando em como me achava e no que já tinha sido. Então comecei a amaldiçoar o dia em que pela primeira vez ouvi falar do mar, e me lamentei, pensando como pude ser tão tolo em abandonar minha própria terra onde nada me faltava. Naquele momento eu não tinha qualquer esperança de rever minha terra ou mesmo algum cristão. Enquanto eu lá estava, sentado na margem do rio, em meio a esses pensamentos desesperados, aproximou-se um velho índio que era um dos chefes da tribo. Começou a conversar comigo dizendo sentir falta do tempo em que estavam em Cabo Frio, pois podiam comerciar com os franceses

17. O rio Tietê, segundo Teodoro Sampaio.

e nada lhes faltava, mas que agora já não tinham facas nem machadinhas, ou outras coisas, e se achavam tão desprovidos. Ao ouvir isto respondi que eu desejava ardentemente que ele e os seus fossem morar de novo na costa, livres das ameaças dos portugueses.¹⁸ Voltamos para a aldeia e o índio contou a todos o que eu lhe tinha dito. Na manhã seguinte vieram pelo menos vinte dos seus principais na casa em que eu dormia e me perguntaram se eu conhecia o local exato em que eles poderiam encontrar navios franceses. Eu lhes respondi que tinha certeza que entre o rio da Prata e um rio chamado pelos portugueses de Patos encontraríamos franceses e, se não os encontrássemos, lá os portugueses não poderiam nos fazer mal. Além do mais, acrescentei, seria melhor morar na costa, onde teríamos abundância de tudo, do que ali, onde não tínhamos qualquer outro alimento exceto raízes. Esses anciãos contaram isto ao povo e todos quiseram ir para a costa, então decidiram partir. Preparamos as provisões e partimos de nossa morada, sendo ao todo trinta mil.

18. No capítulo IV, Knivet dá uma versão diferente: "Muitas vezes eu lhes falava sobre as idas e vindas de nossos navios ingleses para os estreitos de Magalhães e como tratávamos bem todas as tribos e como tínhamos todo tipo de coisa útil para eles. Essas palavras fizeram com que os canibais quisessem ir até o litoral e me perguntaram como poderiam ir viver na costa sem se tornarem escravos dos portugueses."